



“3º Concurso de Causos Sabesp e outras verdades”

Conheça os Vencedores

A Associação SABESP, através da sua Diretoria Cultural, apresenta os vencedores do 3º *Concurso de Causos*. Foi um ano intenso de comemorações do Jubileu de Ouro e que ainda se faz presente agora com a premiação dos escolhidos.

A Diretora Cultural da Associação – Escritora Luzia Helena Almeida – disse: “*A gente tarda mai num faia*” – Fico sempre orgulhosa e emocionada com tanto talento e inspiração dos colegas Escritores-Contadores de “Causos” que participam do Concurso. Já estamos na terceira edição e agradecemos aqueles que prontamente atenderam ao nosso chamado. É história! É memória! Momentos inesquecíveis!. Parabéns a todos!

Aqui estão os vencedores do “Concurso de Causos SABESP e Outras Verdades III” – Jubileu de Ouro – Diretoria Cultural - da Associação SABESP.

1º Lugar – “Três terços de charque” – Erica de Oliveira Souza (MNED–SP)

2º Lugar – “Penacho – o burro nas barras dos tribunais” – Israel de Assis Fiuza Filho – (RM 620 – Botucatu)

3º Lugar – “A Explosão dos Caixas Eletrônicos” – Rogério Fernandes Gomes (RDVP3 – Cachoeira Paulista)

Outros sete Causos recebem “**Menção Honrosa**” – com autores de diversas cidades do Estado e, suas incríveis histórias. São eles:

José Natanael Dias Chaves – “Siglas e Suas Confusões” (RVSS1–S.J. Campos).

Wagner Mekarú – “Histórias de Pescador” (MCRE – SP)

Júlio César Pereira – “E Nada de Happy Hour” (RGF – Igarapava)

José Roberto de Souza – “Artes de Criança” (RBDT2 – Tupã)

Reginaldo Prado – “Homenagem em Vida” (UGR-Pirituba – São Paulo)

Solange Cristina Lima Lazari – “Um Dia Inesquecível” (RTDN – Novo Horizonte)

Joaquim Francisco Guimarães – “Esperando o Fábio” (CSG-Almox 005 – Osasco)

Lembrando que a seleção e escolhas, cumpre mero processo institucional. Na verdade, somos todos privilegiados por tudo que vivemos e recebemos até aqui. Ganhamos todos!

“Vamos marcar um evento para entrega dos cheques aos vencedores, pra continuar a comemoração dos 50 anos da Associação e contar esses casos ao vivo. Nossos parabéns e agradecimento aos que participam tradicionalmente da Cultura e o Lazer ao Alcance de todos” – disse Pêrsio Faulim de Menezes – Presidente da Entidade.

No segundo semestre, teremos a noite de autógrafos – onde todos os participantes do Concurso e os “Hors Concours” - estarão no 3º livro – publicação recheada de alegria, homenagens, saudades e boas lembranças. Foram 43 casos participantes. Os sócios concorreram os não sócios e convidados também estarão no livro.

A exemplo dos outros dois... Este livro está uma delícia!

Wilson Santana

Mtb 60.953

Conheça os Causos Premiados

1º Lugar

“Três Terços De Charque”

É preciso ter cuidado com o mato, pinica os braços da gente, me diziam. Por isso naquele dia eu vesti meu uniforme com a camisa de mangas longas e rumei com a equipe até o terreno em que fomos fazer um levantamento topográfico de servidão de esgotos.

Chegamos ao local e, antes de chamar o caseiro, articulamos entre nós o que precisava ser feito, vimos os poços na rua e comparamos com o mapa, foi a primeira vez que senti o cheiro de morte. Meu colega na função agia normalmente, então imaginei que fosse bobagem minha.

Era para procurar o “Bahia”, e assim o fiz. Fomos entrando para o fundo do amplo terreno, no sentido de um casebre sem acabamento, onde indicaram que estaria o caseiro. No meio da caminhada, veio ao nosso encontro uma cachorra que latia descontroladamente, e o senhor Bahia vinha logo atrás. Estávamos em três, dois rapazes e eu, porém a cachorra veio direto em minha direção. Com um assobio do Bahia ela parou de latir, mas me olhava fixamente.

Nos apresentamos então e eu logo perguntei o motivo da cachorra ter se atido apenas a mim, sem se importar com os rapazes que estavam comigo. Muito simpático, o caseiro disse que a cachorra não gostava de mulher, e que desde que sua esposa foi-se embora não deixava outra mulher se aproximar. Mas disse ainda que eu não preocupasse, ela não iria me atacar.

Iniciamos então o reconhecimento do terreno. O topógrafo mais experiente analisava as bananeiras e matos altos para saber o melhor ponto para estacionar o equipamento, enquanto isso, eu fui adentrando na borda no terreno com o caseiro para encontrar a rede de esgotos oculta no meio do mato.

O caseiro ia na frente com um facão brilhante, bem afiado. Abria picada no mato alto e recomendava que eu tivesse cuidado, se o capim grosseiro atingisse meu olho, eu poderia perder a visão. No momento me afastei e outro colega que vinha comigo sacou também o seu facão. Vendo a bainha de couro conosco, Bahia pediu para ver o corte da nossa faca. Pobre ferramenta mal cuidada, a lâmina enferrujada, nem de perto parecia com a ostentada pelo caseiro. Ele então se ofereceu para afiar nossa faca, e rapidamente o facão não estava mais conosco. Adentramos mato adentro indicados pelo Bahia, ele mostrou um poço de inspeção, depois outro e, de repente me perguntou se eu era dessas pessoas que “tem nojo”. Não entendi a pergunta, ele então explicou que criava uns porcos e que a comida deles juntava moscas. Sem tempo para responder, já topei com um tambor enorme cheio de miúdos de frango com amendoim, era a

alimentação dos porcos. Na sequência, vi o pequeno chiqueiro insuficiente para os três porcos capados. Fingi normalidade e segui para os próximos poços.

Agradei o senhor Bahia e disse que trabalharíamos por ali nas próximas horas e que o chamaríamos assim que concluíssemos o levantamento. Ele saiu dizendo que iria afiar nossa faca e que deveríamos ir busca-la na sequência.

Provavelmente o senhor Bahia se sentiu confiante com minha reação natural ao seu chiqueiro urbano, e começou a relatar que mataria os porcos no final do ano, que era também produtor de charque artesanal, que tinha uma prensa de carne totalmente selada onde deixava as postas secando no sal, que o sabor era delicioso e perguntou se eu gostava de carne seca. Tentando ser agradável, mencionei os pratos que conhecia e disse que apreciava muito o baião de dois. Ele então disse que me daria um bocado.

Antes tivesse dito que não gostava da iguaria, ou que eu tinha alguma alergia, pois, após mostrar entusiasmo, teria que aceitar o presente. Tínhamos que ir buscar o facão, tirei a sorte com meu colega, ele perdeu e foi à procura da faca que agora devia estar afiadíssima.

Permaneci ajudando o topógrafo experiente, mais de meia hora se passou e nosso colega não retornou, estava preocupada com ele, mas éramos todos adultos e sabíamos nos cuidar. Ouvi gritos agudos, pensei que o colega poderia estar sendo sangrado feito um dos porcos. Queria terminar logo o levantamento, mas eu tremia muito segurando o prisma e demorávamos muito mais com a minha oscilação. Mais gritos, desta vez os porcos no chiqueiro acompanharam como cães que uivam juntos. Olhei o topógrafo que não entendia nada, apenas sinalizava que eu virasse o prisma. Estávamos distantes um do outro e resolvi me concentrar para concluir rápido minha atividade e ir procurar pelo colega perdido e seu facão recém afiado.

Finalmente todos os pontos coletados, corri pelo mato com o prisma se enganchando nas folhas de bananeiras, minhas botas pesavam no terreno lamacento e eu corri novamente até o casebre. A cachorra veio me ameaçar, me cercou e não me deixava passar, eu comecei a gritar o nome dele, do colega perdido, ele não respondia. Até que apareceu o Bahia, e assobiou para a cachorra. Eu então respirei fundo e caminhei devagar, pisando sobre uns troncos de madeira em meio ao lamaçal que não vi na primeira incursão ao casebre. Entrei pelo portão de madeira. O senhor Bahia sentado nos degraus da entrada, apontava para mim e dizia: Eu gosto de você, viu? Não é qualquer um que passa por este portão!

Eu ri sem graça e perguntei pelo meu colega e pela faca. Dei de cara com a prensa e senti novamente o cheiro da morte, agora uma morte fresca, água que descia pelas laterais da estrutura de madeira, bem selada, por onde não passavam as moscas.

Parei e perguntei qual carne desidratava ali, ele respondeu que era uma leitoa.

Pedi que eu esperasse e adentrou a casa, imaginei que ele retornaria segurando pelos cabelos brancos, apenas a cabeça do meu colega, com os olhos

fechados e a boca entreaberta, com sangue morto escorrendo pelos dentes, e na outra mão teria o nosso facão devidamente embainhado e me entregaria a ambos antes de também encerrar minha vida.

Mas em vez disso, veio com um grande charque embrulhado caprichosamente em plástico filme, colocou sobre a prensa de madeira, desembainhou seu facão afiado e, num só golpe cortou o charque em um terço e depois mais um terço. Entregou os três pedaços para mim.

Eu já ensaiava como perguntar sobre meu colega, quando ele apareceu do meu lado, vivo, com seu facão também afiado e uma penca de bananas, também ofertadas pelo senhor Bahia.

Nós então agradecemos a gentileza, fomos todos embora, eu, meu colega, o topógrafo experiente, pensando que a carne que ganhamos não era senão o charque de sua mulher morta, e se a cachorra não queria no final me proteger.

Voltando ao escritório, entregamos todas as partes do charque ao encarregado e dissemos que foi uma gentileza do cliente pela rapidez do atendimento. E ainda aproveitei para lhe dar uma ótima receita de baião de dois.

2º Lugar

“Penacho, O Burro Que Foi Parar Nas Barras Dos Tribunais Da Justiça”

A história se trata de um fato verídico ocorrido em 14 de junho de 2015, no Distrito Rural de Piramboia que fica em um pequeno município chamado Anhembí e chamou muita atenção na Unidade de Negócio do Médio Tietê, por conta de toda dinâmica envolvida e será a partir de agora contada.

A Sabesp foi acionada na Justiça pela proprietária de um burrinho, que até então teria sido denominado de “estimação” e carinhosamente chamado de Penacho. O animal tinha todo um valor sentimental para Dona Nilza porque foi ganho de presente do seu falecido pai.

A dona do Penacho relatou que naquela manhã, Penacho estava muito disposto e feliz, pois iria puxar uma carroça para entregar leite em um laticínio da localidade.

Quando já estavam a caminho, quase chegando ao laticínio, a carroça que estava sendo conduzida por um funcionário da fazenda ao passar em frente ao supermercado do Botassini, na esquina com o Bar do Brunão, aconteceu o fatídico acidente.

O Penachinho foi surpreendido com a existência de um buraco no asfalto, sem qualquer sinalização, fazendo com que ele se desequilibrasse e viesse a cair, machucando a pata dianteira direita.

Culpa de quem????

Do funcionário que estava em alta velocidade na carroça com o Penacho e não conseguiu desviar do buraco?

Da dona que colocou seu animalzinho de estimação para lida diária na fazenda?

Óbvio que não, nos tribunais a culpa é da Sabesp!

Por que a Sabesp foi culpada? Porque na realidade não se tratava de um simples buraco no asfalto, mas sim da ausência de uma tampa do dispositivo utilizado para fazer manobras na rede de água.

Por incrível que pareça, o Penacho conseguiu enfiar toda sua pata nesse pequeno vão, e fez com ele a quebrasse.

E o Penacho foi sacrificado por conta disso? Imagina, foi nada.

Segundo Dona Nilza, houve uma série de gastos, porque o Penachinho sofreu diversas cirurgias, ficou internado por mais de 5 (cinco) meses no Hospital Veterinário da Unesp de Botucatu, fazendo com que ela fizesse várias viagens para realizar o acompanhamento, e ainda se construiu um espaço próprio para manter o Penacho em sua fazenda, após alta veterinária.

Toda situação, foi o motivo do Penacho ter parado na Justiça. A dona ajuizou ação contra Sabesp pedindo indenização pelos prejuízos dos gastos e ainda danos morais, porque ela sentiu muito vendo o pobrezinho do burro sofrendo com toda situação.

E veio a audiência, realizada na cidade vizinha de Conchas... Dona Nilza contratou advogados renomados da capital, levou funcionários e pessoas que presenciaram o acidente. Pela Sabesp, advogados, gerentes, funcionários e estagiários envolvidos.

Muito drama envolvido nos depoimentos, mas ninguém soube explicar porque um animal de estimação estava sendo utilizado na lida diária da fazenda.

Resumo da ópera, veio a sentença e a Sabesp acabou sendo condenada a ressarcir alguns gastos que a dona teve com o tratamento do burrinho.

Internamente na Sabesp, o "causo" inusitado foi motivo de muitas risadas entre os funcionários, por toda excentricidade causada na imaginação. Ao mesmo tempo, o fato em si, serviu de lição para Sabesp, para que os cuidados com a manutenção dos equipamentos fossem redobrados, porque a situação poderia ter acontecido de forma diferente, com uma criança, por exemplo.

Nos dias atuais, sabe-se de relatos que o Penacho encontra-se vivendo feliz na sua baiazinha da Fazenda Lacotissi, localizada na Estrada Velha de Piramboia, bem de saúde e curtindo sua aposentadoria.

3º Lugar

“A Explosão Dos Caixas Eletrônicos”

Valdir é um sabespiano raiz, parece ter nascido dentro da empresa, um cara que veste e sua a camisa como bom profissional e totalmente adepto à Sabesp, jogador caro que a Empresa não vende, está na Sabesp de Cachoeira Paulista praticamente desde o início das operações da Empresa nesse município. Antes de ser Técnico em Sistema de Saneamento e operar a ETA de Cachoeira Paulista com total domínio técnico, trabalhou em outros setores operacionais, sempre com muita dedicação e comprometimento.

A ETA de Cachoeira Paulista fica bem ao lado da Canção Nova, que é uma instituição da Igreja Católica, conhecida como renovação carismática. O município tornou-se um local de peregrinação dos católicos e o turismo religioso cresceu no município devido à Canção Nova, Da ETA Mestre Valdir acompanhou todo esse crescimento, desde a época em que as ruas no entorno da ETA nem eram asfaltadas. Pessoas estranhas ao trabalho eram raridades, Era um local ermo, onde à noite o silêncio do cemitério ao lado invadia a ETA e só era quebrado pelo barulho dos Floculadores, das bombas de serviços e da queda da água nos reservatórios. Valdir foi testemunha de muitos casais que paravam beirando o muro da Sabesp, dentro dos seus Fuscas personalizados, para discutir assuntos íntimos que balançavam as estruturas da ETA.

Valdir acompanhou os avanços tecnológicos ocorridos na ETA, preocupado sempre com a qualidade final da água tratada, viu de perto também a mudança ocorrida na periferia da ETA. Quando os peregrinos religiosos começaram a aparecer no local, não havia infraestrutura de hospedagem para recebê-los, as poucas residências que ocupavam uma rua lateral à ETA, em pouco tempo tornaram-se pousadas e mais pousadas e hotéis foram surgindo de acordo com o aumento da peregrinação. A demanda por água também foi aumentando, era necessário atender essa clientela flutuante, cada vez mais presente e maior. Um fator também interessante no processo do tratamento de água é a sazonalidade

no consumo e nos sinistros, durante o verão temos alguns transtornos com as tempestades, enchentes no manancial e falta de energia elétrica, num período onde o consumo de água aumenta devido ao calor. Já no período do inverno o Mestre Valdir costuma dizer que é período de férias, por termos menos transtornos no processo e menor consumo de água na cidade.

Em 2012, a movimentação de peregrino aumentou muito, principalmente durante eventos religiosos no local, então dois bancos conhecidos instalaram caixas eletrônicas na rua ao lado da ETA, encostados à cerca da Canção Nova, para atender os turistas religiosos. Naquele dia 05/10/2012, uma sexta-feira, Mestre Valdir assumiu a ETA às 15 horas e iria até encher os reservatórios, pois apesar de não ser verão, em outubro as temperaturas já são mais altas que no inverno e o consumo de água aumenta. Era uma típica tarde de primavera, céu azul, temperatura agradável, calor aceitável e sem previsão de chuva. A ETA está localizada numa parte alta da cidade e do local temos uma bela visão da serra da Mantiqueira. O pôr do sol na serra é um cartão postal que quase todo dia nos presenteia com esse espetáculo e pra completar a imagem, um som de uma sinfonia na penumbra do entardecer, um casal de sabiá pousa na antena do para-raios acima da caixa d'água de serviço e canta como se não houvesse amanhã.

Sistema operando normalmente, como a chuva própria do final da primavera e início do verão ainda não se apresentou, os parâmetros da água bruta estavam constantes, facilitando o processo de tratamento de água. Mestre Valdir iria "tocar o barco" até encher os reservatórios, que pelas suas previsões encheriam por volta das 2 horas. O escritório administrativo e o operacional ficam no mesmo local da ETA, portanto até às 17 horas havia uma movimentação de funcionários no local, após esse horário o Mestre Valdir ficava só na ETA e o porteiro, que entrava às 18 horas, ficava na guarita da portaria.

Noite calma, aparentando um turno normal como tantos outros, Mestre Valdir tinha completo domínio do barco e navegava em águas calmas; lava filtro, mede PH, mede flúor, regula a dosagem, observa o nível... Tudo transcorrendo dentro da normalidade. Porém por volta das 22:40h, o porteiro entra em contato com ramal da ETA e informa;

- QAP Valdir? QRU presente. Há algo estranho acontecendo aqui na rua, uma Fiat Doblô já passou aqui em frente várias vezes.

Respondeu Mestre Valdir, em tom de brincadeira;

- QSL total. Se esconde e fica atento aí observando a movimentação alheia.

O porteiro apagou as luzes da guarita e ficou quieto, observando e o Mestre Valdir ficou também atento na ETA, apesar de na época já ser normal carros passando eventualmente à noite em frente à portaria, não era normal o mesmo carro passar várias vezes no mesmo local e o vai e vem da Doblô se repetiu por um bom período de tempo. Então lá pelas tantas surgiu próximo a portaria da ETA, um indivíduo vestido de preto e com uma touca tipo de ninja na cabeça (isso então era totalmente anormal), fortemente armado, começou a parar veículos, dizendo para os motoristas que estava acontecendo um treinamento

de segurança e a partir daquele momento estava proibida a passagem de carro por ali e que eles retornassem. O porteiro ouviu a conversa de dentro da guarita escura, não quis entrar em contato com o Mestre Valdir, com medo que o som do telefone na ETA pudesse ser ouvido pelo Ninja. Tudo estava muito estranho, o porteiro percebeu que a noite seria longa, saiu de fininho pelo escuro e foi pra junto do Mestre Valdir na ETA.

A ETA tem três andares e o andar superior fica abaixo da caixa d'água de serviço, local estava escuro, o Mestre Valdir junto com o porteiro subiram para o andar superior e do escuro ficaram observando a movimentação. O indivíduo ninja que estava fechando a rua em frente à portaria da Sabesp, começou a verificar se havia alguém na guarita, mas como ainda tinha uma movimentação razoável de veículo no local, ele se concentrou mais na rua. Do andar superior dava pra observar todas as ruas entorno da ETA; a rua da portaria, a rua dos caixas eletrônicos e a rua debaixo. Com as luzes apagadas é possível observar a região sem ser visto. Os dois com muito medo perceberam a chegada de outro veículo, um Monza, com cinco ocupantes, que parou próximo dos caixas eletrônicos. Os homens desceram do veículo bem armados, com alguns equipamentos que o Mestre Valdir e o porteiro não conseguiram identificar. Conversavam muito, devido à distância não era possível entender o que falavam, mas boa coisa não estavam tramando.

Os indivíduos entraram nos caixas eletrônicos com os equipamentos e começaram a montar algo lá dentro. Mestre Valdir e o porteiro estavam tão extasiados de medo que não perceberam o passar das horas e nem se lembraram de ligar pra polícia. Escondidos, com uma visão privilegiada da situação, não imaginavam como seria o desfecho do evento. Então por volta das 02:30h, os indivíduos saíram correndo de dentro dos caixas eletrônico, sumiram por trás das árvores e em alguns segundos... BUMMMMMM!!!

A explosão foi tão forte, que tremeu a ETA, e quase a cidade toda e foi ouvida à distância, Mestre Valdir e o porteiro caíram no chão. O porteiro bravejou; - misericórdia!!!

Mestre Valdir com os olhos esbugalhados, deitado no chão e devoto fervoroso da padroeira, implorou; - Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós!!!

Partes dos caixas eletrônicos voaram pelo alto, cortou cabo de energia elétrica, um dos indivíduos se machucou na explosão e alguns vidros das janelas do escritório se quebraram. Uma peça de ferro de aproximadamente 10 kg, de um dos caixas eletrônicos voou para dentro da área da Sabesp, atingindo a parede da ETA. Os dois desceram para o laboratório e deitaram no chão com receio de novas explosões. A polícia chegou ao local alguns minutos após a explosão, os meliantes já haviam se evadidos do local, não houve informação se levaram algum dinheiro. Reza a lenda que Mestre Valdir e o porteiro estão escondidos debaixo da mesa do laboratório da ETA até hoje. Mas realmente não tiveram coragem de sair da ETA, lá ficaram até amanhecer o dia, esperando a chegada das equipes administrativa e operacional. A resenha pela manhã era que ele ficou até o dia amanhecer, para proteger a ETA da iminente invasão inimiga e o

guerreiro não abandonaria o posto. Não duvidem disso, Mestre Valdir é um eterno apaixonado pela ETA de Cachoeira Paulista.